



Partner Phubbing: um estudo sobre as causas e implicações do uso (excessivo) do Smartphone nos Relacionamentos Amorosos

Katiane Rossi Haselein Knoll, Kathiane Benedetti Corso, Paulo Vanderlei Cassanego Júnior

RESUMO

Vive-se em uma sociedade contemporânea em que os *smartphones* conquistam cada vez mais uma grande parcela da população mundial. No entanto, pesquisas já publicadas relatam que o uso exacerbado desse dispositivo pode causar mudanças no comportamento cotidiano de indivíduos, como a falta de controle e impactos em suas vidas. O termo *Partner Phubbing* (*Pphubbing*), pode ser compreendido como o grau em que um indivíduo usa ou é distraído por seu telefone celular enquanto estiver na companhia de seu/sua parceiro (a) de relacionamento. O estudo buscará oferecer uma visão se a prática do *Partner Phubbing* pode influenciar a satisfação do relacionamento e bem-estar pessoal de seus usuários. Para isso, utilizar-se-á a pesquisa qualitativa, com o tipo de amostragem não probabilística, sendo escolhida para tal, a técnica bola de neve. Como instrumento de coleta de dados utilizar-se-á entrevistas e observações diretas. Para a análise dos dados escolheu-se a forma interpretativa. Estima-se que a pesquisa possa vir a contribuir para o meio acadêmico, pois, irá mencionar questões voltadas a comunicação, interação e relacionamentos de indivíduos. Além disso, o estudo tem como um dos propósitos tentar demonstrar até que ponto as novas tecnologias podem interferir em nosso comportamento, seja individual, conjugal ou coletivo.

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XIX a influência da ciência na sociedade modificou os processos industriais, bem como, a inclusão das novas tecnologias como a Internet, aparelhos móveis e os jogos eletrônicos vêm moldando a forma de interação humana. Com o avanço da internet, novos termos surgiram como educação online, comércio eletrônico, redes sociais virtuais, entre outros. Nesse sentido, os modernos telefones móveis, chamados *smartphones*, conquistam cada vez mais o mercado de vendas, pois, possuem diversas funcionalidades que podem ser encontradas em diferentes aparelhos, como *tablets*, *notbooks*, vídeos games, celulares e computadores. A proliferação acelerada da utilização desses dispositivos móveis, facilitou ainda mais, a troca de informações, comunicações e interações em rede. Com o *smartphone* é possível conectar a internet, acessar as redes sociais virtuais, jogar, fazer compras online, estudar, ler, realizar transações bancárias, escrever mensagens de textos, tirar fotos, verificar correios eletrônicos, fazer ligações, baixar diversos aplicativos, como bate-papos e músicas, e muitas outras funções. Conforme Borges; Joia (2013), o crescimento da penetração dos *smartphones* demonstra a importância da tecnologia como forma de tradução da ideia de pertencimento do homem contemporâneo.

Os *smartphones* (telefones inteligentes) ganharam um lugar especial na vida de seus consumidores, fazendo parte de suas rotinas diárias, pois são aparelhos pequenos, que muitas vezes cabem na palma da mão e dispõe de vários recursos, conquistando desde o público infantil até o público idoso. De acordo com *International Data Corporation – IDC* - (2016), o mercado de *smartphones* no mundo cresceu 0,7% ano a ano. No Brasil isso não é diferente só entre os meses de abril e junho de 2016, foram comercializados 12.044 milhões de aparelhos, sendo 10.779 *smartphones* e 1.265 feature phones (aparelhos convencionais, sem sistema operacional). O crescimento do mercado total foi de 23,1% frente ao primeiro trimestre de 2016. Comparando apenas os *smartphones*, o aumento foi de 16,6%. O IDC ainda demonstra que somente nesses três meses de 2016, o mercado de *smartphones* movimentou R\$11,4 bilhões de reais, e que os fabricantes que até 2015 tinham pouca expressão no mercado



brasileiro começaram a investir em produtos mais avançados e estão ganhando cada vez mais espaço nesse mercado de vendas.

Outra pesquisa realizada pelo Ibope (2013) “apontou que cerca de um terço dos paulistas (33%) acessam o *smartphone* assim que acordam e outros 27% o usam até no banheiro”. A pesquisa mais recente publicada na Folha de São Paulo (2016) relata que “nesse ano o uso do *smartphone* no Brasil pode chegar a 168 milhões de pessoas, isso demonstra um aumento de 9% em relação ao ano de 2015, quando o número ficou em 151,5 milhões”. O estudo também contribui ao projetar que em 2018 a quantidade desses dispositivos conectados a internet será de dois por habitantes, alcançando 416 milhões de aparelhos.

Este cenário demonstra que estamos utilizando cada vez mais a tecnologia móvel, em especial o *smartphone*. Já existem muitas reportagens na Web ou pesquisas que comprovam os benefícios desses recursos (JOHNSON, 2013; HERRINGTON, 2009; DIAGN, 2012; BOULOS, 2011). Alguns estudos apontam mudanças que implicam e trazem consequências no comportamento individual por utilizar dessa tecnologia, como as pesquisas de Lee (2013), Campenella et al. (2015), Choi et al. (2015), Kim et al. (2015), Haug et al. (2015) e Skarupová; Oláfsson; Blinka (2015). Abreu et al. (2008) defendem que diversos estudos atestam as vantagens em utilizar da tecnologia móvel, mas seu uso sadio e adaptativo, progressivamente, deu lugar ao abuso e à falta de controle ao criar severos impactos na vida cotidiana de milhões de usuários. Em 2012 nos EUA foi realizado um estudo pela tecnológica *Lookout* que mostrou que 58% dos proprietários de um *smartphone* não ficam nem uma hora sem dar uma espiada no telefone, e 73% admitiram sentir pânico diante da ideia de não saber onde está seu aparelho. Essa ansiedade foi batizada de “nomofobia” (GAZETA DO POVO, 2014). Para Borges; Pignataro (2016) o surgimento desse novo termo nasceu na Inglaterra: nomofobia – palavra recente que surgiu do inglês, *nomo* significando *nomobile*, ou seja, falta do dispositivo móvel e *fobia* significando medo. As autoras explicam que a nomofobia é uma síndrome psicológica reconhecida mundialmente, caracterizada como o medo de ficar sem celular e/ou tecnologia, e ainda explicam que a síndrome cresce a cada dia de forma rápida entre crianças, jovens e adultos.

É evidente que o uso da tecnologia móvel, no caso o *smartphone*, conquista cada vez mais uma grande parcela da população mundial. Com isso, em relacionamento afetivo, por exemplo, é muito interessante para o casal trocar mensagens via *whatsapp*, compartilhar seus momentos no *Facebook*, tirar *selfies*, ou seja, compartilhar da tecnologia, mas e quando o uso dessa tecnologia se torna uma “dependência”, onde começa roubar o espaço e o tempo do casal de estarem juntos em conversas, interações e até mesmo discussões de questões cotidianas, onde fica inserido o uso desse aparelho? Ou seria, onde fica o companheiro (a) inserido (a) na vida da pessoa que possui o *smartphone*? O parceiro (a) se torna ignorado e isso pode começar a influenciar a relação. Essa prática já possui um nome definido como *Partner Phubbing*.

Partner Phubbing (Pphubbing), pode ser melhor entendido como o grau em que um indivíduo usa ou é distraído por seu telefone celular enquanto estiver na companhia de seu / sua parceiro (a) de relacionamento (BUSSEL, 2015). Além disso, ao ficar grudado no *smartphone* alguns indivíduos podem sofrer a falta de controle e impactos na vida cotidiana, e um desses impactos pode ser o ato de ignorar amigos ou danificar o relacionamento com o parceiro romântico, podendo levar a depressão e baixos índices de satisfação com a vida em geral. Esse ato de “ignorar” as pessoas para a utilização do telefone chama-se nos Estados Unidos de ato de *phubbing*, ou telefone *snubbing*.

Isso pode nos fazer pensar nas falhas no entendimento da tecnologia, que trouxe uma revolução de valores morais e sociais. Por exemplo, quando se substitui a troca de percepções com o parceiro diante de uma fogueira, pois é preferível ficar vasculhando o *smartphone*, jogando ou nas redes sociais, quando se checa constantemente o celular ao lado do



companheiro (a), ou até mesmo, quando o casal senta para conversar, os mesmos pegam seus celulares para mexer, fazendo com que o diálogo não aconteça. Isso pode ser considerado como o uso da tecnologia aproximando as pessoas ou já é a prática do *P-phubbing*? O citado, não seria considerado uma perda de tempo no relacionamento conjugal? Não ocorre uma insatisfação no seu parceiro (a) ao saber que o celular se torna mais importante, naquele momento, do que ele (a)? Ou que está sendo ignorado (a)? São muitos os questionamentos em relação a essa tecnologia móvel que está dominando o mercado de consumidores.

Um estudo realizado por Roberts; David (2014), concluiu que o uso do *smartphone* pode arruinar relacionamentos. Esse estudo foi difundido em muitos sites da Web. Brazier (2015) ao explicar essa pesquisa, relata que a mesma foi publicada na revista *Computers in Human Behavior*, e que os autores expressaram surpresa que algo tão pequeno como o *smartphone* pode minar os relacionamentos e a felicidade pessoal. Segundo relatos do autor da pesquisa Sr Roberts, ao site *Medical News Today* (2015, p. 1) “quando você pensa sobre os resultados, eles são surpreendentes, algo tão comum como o uso de celulares pode minar os alicerces da nossa felicidade, como o relacionamento com nossos parceiros românticos”.

Com base em algumas experiências vividas, são muitas questões levantadas que por vezes acontecem na vida conjugal e nem se percebe, pois a dependência do *smartphone* já é tão presente nos relacionamentos românticos contemporâneos, que às vezes não se sabe a hora de parar de acessá-lo. Momentos simples com quem amamos, torna-se alienado ao *smartphone*, pois temos que checá-lo frequentemente, ou seja, há a prática do *p-phubbing* sem perceber.

Considerando o uso desses dispositivos móveis cada vez mais presentes na vida dos casais brasileiros e após diversas pesquisas de artigos científicos realizados em nosso País, sobre o tema *smartphone* e relacionamentos amorosos, em páginas da Web, como Portal Spell (*Scientif Periodicals Eletrenic Library*), Anpad (Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Administração) e Scielo Brasil (*Scientific Electronic Library Online*), constatou-se que no Brasil não há estudos evidentes sobre o uso do *smartphone* e o impacto que esse pode causar nos relacionamentos românticos. Com isso, tendo por base o estudo de Roberts e David (2016), “*My life has become a major distraction from my cell phone: Partner plubbing and relationship satisfaction among romantic partners*”, surge a problematização da pesquisa: Quais os efeitos do *Partner Phubbing* no relacionamento Romântico?

O estudo busca oferecer uma visão sobre o processo pelo qual tal prática pode influenciar a satisfação do relacionamento e bem-estar pessoal de seus usuários, tendo como objetivo geral: verificar de que maneira o uso do *smartphone* próximo ao companheiro (a) pode influenciar negativamente no relacionamento romântico. Para se chegar ao proposto, pretende-se: (a) identificar o perfil dos casais quanto às práticas do uso do *smartphone* na presença do companheiro; (b) investigar se ocorre a dependência em relação ao aparelho, e; (c) analisar quais os efeitos causados pelo ato de *partner phubbing* no relacionamento afetivo.

No Brasil o estudo pode vir contribuir para o meio acadêmico, como também, para questões voltadas a comunicação, interação e de relacionamentos de indivíduos. Tentar demonstrar até que ponto as novas tecnologias podem interferir em nosso comportamento, seja individual, conjugal ou coletivamente, torna-se essencial no mundo contemporâneo, no qual estamos tão conectados tecnologicamente, e tão desconectados fisicamente.

Azevedo; Nascimento; Souza (2014) defendem que é evidente que novas tecnologias e suas aplicações possibilitam novos arranjos sociais e psíquicos, mudando paulatinamente o comportamento individual e coletivo. Os mesmos explicam que as novas tecnologias se entranham e se ramificam nas mais variadas concepções, tornando-nos dependentes, fazendo com que seus efeitos sobre o comportamento e a estrutura psíquica do indivíduo, possam gerar o desenvolvimento de patologias.

Este projeto de pesquisa é estruturado em capítulos no qual se apresenta a introdução,



o referencial teórico, que traz assuntos sobre relacionamentos, *smartphone*, dependência de *smartphone* e *partner phubbing*, metodologia, resultados esperados análise da pesquisa e considerações finais.

2 CONSTRUINDO A BASE PARA A INTERPRETAÇÃO

2.1 AMOR, SMARTPHONE E OS RELACIONAMENTOS

Vive-se em uma civilização de mudanças contínuas, onde tudo ocorre de forma rápida. A sociedade atual é marcada pela fragilidade no que diz respeito as relações. Para Schmitt e Imbelloni (2011), no período da antiguidade as relações afetivas eram submetidas à alegria do objeto do amor, sendo a manutenção da família a base para o estabelecimento de uma sociedade. Com o passar do tempo a noção do amor passou a sofrer a influência da tradição judaico-cristã. Já nos séculos IX e X com o Feudalismo, as relações amorosas eram estabelecidas de forma que repassassem as relações de poder que existia sobre as famílias (SCHMITT; IMBELLONI, 2011). Após esse período, as autoras ainda relatam que surgiu o amor cortês que se baseava nas uniões matrimoniais negociadas, sem a concordância dos noivos, como também explanam que nesse meio tempo, surgia o amor dos cavaleiros onde o objeto de amor era uma dama, e estes faziam de tudo para amar essa mulher.

Mais tarde no século XIX, aparece a relação afetiva romântica com uma marcante característica, a presença da eternidade e fidelidade. Novas formas de relações afetivas pós-segunda guerra mundial, como o homossexualismo, aparecem com tremenda força, no mesmo instante em que as mulheres começaram a reivindicar seus direitos com relação à qualidade de vida, aos seus relacionamentos afetivos, participação no mercado de trabalho e meio profissional e assim, sucessivamente a obtenção da independência financeira. Com essas reivindicações veio a ascensão social pouco a pouco da mulher, e conseqüentemente, a questão do não comprometimento afetivo, a exemplo do casamento, que com isso, passa a ser apenas uma opção (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

Na sociedade contemporânea uma grande parte dos indivíduos enfatizam as relações profissionais, boa remuneração, autonomia financeira e liberdade de expressão. Surgiu a cultura digital que trouxe a expansão da internet, e com isso, das redes sociais, das amizades online, dos relacionamentos à distância, das tecnologias móveis, do uso do *smartphone*, entre outros. Tudo isso, pode acarretar em indivíduos voláteis e instáveis, fazendo com que as relações possam ser balizadas pela mútua satisfação, e quando essa satisfação acaba a relação pode ser terminada a qualquer momento.

Bauman (2004) diz que esse novo tipo de relacionamento chama-se “amor líquido”, o qual representa a fragilidade dos laços humanos e uma série de artimanhas que indivíduos engendram para substituí-lo, sendo resultado da modernidade líquida ou pós-moderna, onde o mundo está cada vez mais fragmentado, e os sujeitos mais confusos consigo mesmos, com o espaço que ocupam e com o tempo que os rodeiam. Essa nova realidade tem afetado diretamente o cotidiano das pessoas, trazendo interferências negativas, em especial, nos relacionamentos.

As relações amorosas na atualidade são marcadas por prazeres momentâneos, e relacionamentos de curto prazo. Esta é uma realidade do mundo contemporâneo na qual os casais sofrem de certa forma por um desejo "latente", onde procuram resgatar o verdadeiro amor romântico (BAUMAN, 2004). "E bem assim em uma cultura consumista como a que vivemos que favorece o produto pronto para o uso imediato, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, garantias de seguro total e devolução do dinheiro" (BAUMAN, 2004, p. 21).

Segundo Tavares (2014) no Brasil, em relatório divulgado no final de 2013, o IBGE



alerta para o fato de que as novas uniões têm durado cada vez menos tempo. A taxa de divórcio em 2012, embora menor que a de casamento, foi a maior desde 2002. Parece que o desejo do amor romântico, da relação de cumplicidade e confiança, do compromisso a longo prazo continua existindo, porém a continuidade das relações afetivas se torna cada vez mais difícil.

Mas então o que pode estar dificultando a continuidade das relações afetivas no mundo contemporâneo? Para Costa (1998), o casal muitas vezes prefere a solidão a todas as coisas que atrapalham e impedem a liberdade, que abrange a espontaneidade de amar. Em consequência as pessoas preferem às relações frouxas, com certas tranquilidades, mornas, e renúncias de suas paixões. Talvez porque sejam relações que não comprometem um amor que seja verdadeiro, mas um simples relacionar-se. Já Bauman (2004, p.12) relata que “no mundo contemporâneo talvez seja por isso que as pessoas em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como relacionar-se e relacionamentos, elas falam cada vez mais em conexões, ou conectar-se e ser conectado. Com isso, em vez de parceiros, preferem falar em redes”. Nesse contexto, pode-se dizer que a internet assumiu a função de conectar pessoas, formar redes de relacionamentos, cada vez mais flexíveis. Na reflexão de Bauman (2004), fica nítida que a modernidade líquida criou uma nova fase nos relacionamentos, deixando-os mais fragilizados e desumanizados.

Para Roberts; David (2014) apud Peleg (2008, p. 388) “um relacionamento e / ou satisfação conjugal pode ser melhor entendido como o grau em que cônjuges percebem que os seus parceiros satisfazem suas necessidades e desejos. Os autores perceberem que ocorreu um aumento significativo do uso de celulares para a comunicação entre parceiros românticos, e com isso, resolveram realizar um estudo sobre o processo pelo qual tal utilização pode influenciar a satisfação do relacionamento e bem-estar pessoal.

Diversos autores relatam que para uma relação ser mutuamente satisfatória, cada parceiro deve estar presente na vida do outro (Chesley, 2005; Siegel, 2010; Leggett & Rossouw, 2014 apud Roberts; David, 2014). Não é o suficiente ser meramente presente, mas deve haver uma conexão entre parceiros. A satisfação é um processo de permanecer aberto e focado no outro, sem distração externa ou interna, pois, parceiros românticos sentem-se ligados quando eles estão presentes para o outro. As distrações causadas por telefones celulares poderiam minar a satisfação com o relacionamento, e por consequência, as necessidades humanas básicas para o controle e apego, podem estar em risco quando acontece sentimentos individuais, que o seu parceiro não está presente na relação, pois, encontra-se distraído. Essa ideia dos autores de se encontrar distraídos com o telefone, o que pode afetar a satisfação no relacionamento, traz a menção de *Partner Phubbing*, ou seja, maneira de ignorar as pessoas dando mais atenção ao telefone do que a elas.

2.1 DEPENDÊNCIA DE SMARTPHONE

Desde antigamente o homem utilizou formas para se comunicar e transmitir conhecimento entre as pessoas. Para Castells (2005), nosso mundo está em processo de transformação há duas décadas, pois, associa-se à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Para ele tecnologia não determina a sociedade, mas sim, é a sociedade que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam dessas. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia (CASTELLS, 2005).

Dentro desse contexto a tecnologia móvel, em especial os *smartphone* conquistam públicos de todas as idades, fazendo parte da vida contemporânea e cotidiana dos indivíduos.



Dados demonstram que esses dispositivos móveis conquistarem uma grande parte da população mundial. De acordo com a Agência Webnative do Grupo Publicis no Brasil (2013), 61% dos usuários do dispositivo utilizam o aparelho menos de 1 minuto depois de acordarem, 43% mexem no celular enquanto assistem televisão e 70% ficam na cama enquanto usam o aparelho.

Muito atrativo por possuir tantas funções, mobilidade, fácil acesso à internet, os *smartphones* tornam-se um computador pessoal, e assim, um companheiro quase inseparável na vida das pessoas. Picon (2016) relata que os *smartphones* são, sem dúvida, um grande avanço das telecomunicações, o que facilita diversas de nossas atividades diárias e que tem evoluído, com seus aplicativos, para facilitar ainda muitos outros aspectos de nossa vida pós-moderna. No entanto, o mesmo diz que existe a possibilidade das pessoas desenvolverem uma dependência comportamental devido ao seu uso excessivo.

Para Turban; King (2004) apud Viacava et al., (2016, p. 114) “hoje, muito se comenta sobre problemas causados pela tecnologia, como a dependência dela, tanto em crianças quanto adolescentes e adultos, no ambiente pessoal e profissional, e um dos temas recorrentes é a dependência do celular”.

Quando acontece essa dependência ao uso do celular, por causa da adaptação que se deu de forma inadequada ou ineficiente, podem surgir nos indivíduos diversas patologias de ordem física, comportamental, emocional e até psicossocial.

Conforme Picon (2015, p. 1) “enquanto pensamos sobre como queremos nos relacionar com as novas tecnologias e o papel que elas terão nas nossas vidas, ocupamo-nos também com questionamentos a respeito de um modo extremo dessa relação, conhecido como dependência de tecnologia”. Trata-se de um transtorno caracterizado pela incapacidade de controlar o uso de tecnologia (internet, jogos eletrônicos, *smartphones*) mesmo que esse uso já esteja causando impacto negativo nas principais áreas da vida do indivíduo, relacionamentos interpessoais, saúde física, desempenho acadêmico, desempenho no trabalho (PICON, 2015).

As consequências do uso de *smartphones* para a qualidade das interações sociais entre os indivíduos têm causado preocupação, pois, os telefones celulares podem diminuir a qualidade das relações interpessoais, produzindo um efeito, onde as pessoas são desviados do face-a-face com as outras (CHOTPITAYASUNONDH; DOUGLAS, 2016). Os autores ainda destacaram em seus estudos que outras pesquisas já relataram que onde os *smartphones* estavam presentes acontecia níveis mais baixos de preocupação e empatia em comparação com aqueles que tinham a ausência de um telefone sobre a mesa, além de encontrarem níveis mais baixos de relação percebida na qualidade, confiança no parceiro e empatia percebida na presença de celulares.

Muitos relatórios recentes da mídia também têm comentado sobre a desconexão não intencional entre as pessoas que ocorre quando as pessoas usam *smartphones* (BARFORD, 2013; KELLY, 2015, MOUNT, 2015). De Aragão (2015), salienta que a dependência da tecnologia ocorre quando as pessoas não administram bem o tempo que utilizam o dispositivo, deixando-se envolver além da conta, sem estabelecer limites, ausentando-se da vida real para mergulhar em outro mundo, o virtual, pois nesse, sentem-se mais motivadas. Quando os *smartphones* se tornam um vício ou uma dependência e prejudica a realização de atividades cotidianas das pessoas, de modo a interferir nas relações sociais e familiares, no trabalho e nos estudos, já é possível classificar essa dependência como um transtorno, com nome de nomofobia (DE ARAGÃO, 2015).

Picon (2015) diz que os principais sintomas da nomofobia assemelham-se aos de outras dependências comportamentais, tais como abstinência, tolerância e saliência. O autor ainda relata que outro risco bastante significativo associado ao uso dos *smartphones* é o de envolvimento em acidentes, desde quedas até acidentes automobilísticos graves.



Pesquisadores da Universidade de Stanford, realizaram em 2010, uma pesquisa com 200 alunos que possuíam o *Smartphone Ophone*, e assim, verificaram que o uso do dispositivo poderia ser bastante viciante ao usuário (KWON et. al., 2013a). A partir desse estudo, diversos autores (KWON et al., 2013a, 2013b; WON-JUN, 2013; MOK et al., 2014, LIN et al., 2014; HAUG et al, 2015) começaram a pesquisar sobre a dependência que o *smartphone* pode trazer aos indivíduos, e com isso, começaram a desenvolver instrumentos ou adaptar os já existentes para mensurar essa síndrome e realizar diagnósticos. Diante das pesquisas, ocorreu o desenvolvimento de vários instrumentos para mensurar essa síndrome e realizar diagnósticos.

Um dos instrumentos mais recentes sobre a dependência de *smartphone* é o de Kwon et al. (2013) que apresenta um questionário de 33 questões, organizado em 6 fatores, sendo esses: perturbação da vida diária, antecipação positiva, retirada, relação orientada para ciberespaço, uso excessivo e tolerância.

Fortim; De Araújo (2013) dizem que existem consequências negativas causadas pela dependência da tecnologia, sendo relacionadas a prejuízos no trabalho, prejuízos financeiros, descuido consigo mesmo e com dependentes, descuido de relacionamentos familiares, tais como o casamento, relação entre pais e filhos, relacionamentos com amigos que não os virtuais. Os autores relatam que são aumentados sintomas de abstinência, como as alterações do humor, impaciência, inquietude, tristeza, ansiedade, que podem ocorrer agressividade ou irritabilidade, ao não se conseguir a conexão com a internet, por exemplo, ou não estar próximo ao celular. Esses sintomas são em relação a dependência.

Torna-se evidente que a dependência de *smartphone* ainda é uma situação clínica que não foi oficialmente reconhecida por órgãos mundiais de transtornos mentais. No entanto, é fato que essa dependência causa repercussões reais na vida das pessoas (PICON, 2016). Dentro dessas repercussões está o ato de ignorar o parceiro romântico o que pode vir a ser um impacto nos relacionamentos afetivos.

2. 2 PARTNER PHUBBING: O IMPACTO NEGATIVO DO USO DO SMARTPHONE NOS RELACIONAMENTOS

Picon (2016) defende que a dependência de *smartphones*, da mesma forma que outras dependências comportamentais, caracteriza-se pela dificuldade da pessoa ficar longe de seu dispositivo, apresentar ansiedade, irritabilidade ou tristeza intensa ao ficar sem ele, não conseguir controlar seu tempo de uso, necessitando utilizar cada vez mais seu aparelho, e assim, começar a ter prejuízos em diversas áreas da vida. O autor cita que um bom exemplo é o prejuízo do desempenho no trabalho, perda ou piora no relacionamento com amigos e família, prejuízo no relacionamento conjugal, prejuízo acadêmico/escolar, e manter seu uso excessivo apesar de perceber os prejuízos que já vem tendo.

Uma das causas da dependência é quando ocorre a perda ou prejuízo no relacionamento romântico. Para esse tipo de dependência já costuma-se falar do termo *Partner Phubbing*. Esse termo, tornou-se muito popular na Austrália e no Reino Unido há alguns anos, pouco depois de um Grupo da Universidade de Sydney criar uma campanha conhecida como “*stop phubbing*”, onde tentaram chamar a atenção das pessoas para esse comportamento que, em outros tempos, seria chamado simplesmente de “falta de educação” (NABUCO, 2013). A palavra vem da junção das palavras *snubbing* (esnobar) e *phone* (telefone) para descrever a ato de ignorar alguém utilizando aparelhos celulares (Tudo Celular, 2015).

Em 2014, baseados em estudos anteriores de Beranuy; Oberst; Carbonell; Chamarro (2009), Lepp; Barkley; Karpinski, (2014); Gentile; Coyne; Bricolo (2012), Harwood; Dooley, Scott; Joiner (2014); Coyne et al. (2011); Lenhart; Duggan (2014); Coyne et al. (2012), que



comprovaram que não é o tempo gasto com as tecnologias que causa impactos na satisfação dos relacionamentos, mas o conflito criado através da utilização desse, como também que o uso de telefone celular e mensagens de texto podem aumentar o estresse e o apego prejudicial aumentando sintomas de depressão, os autores Robert e David realizaram um estudo para saber como a tecnologia afeta os relacionamentos. Para isso, validaram um instrumento de pesquisa sobre o assunto *Pphubbing*. Outras questões no estudo desses autores foram abordadas, como: investigar como *Pphubbing* afeta relacionamentos românticos, verificar o impacto do uso do telefone celular em relação a satisfação romântica, e realizar a comparação sobre a potencial regra de mediador de células conflito telefone na ligação *Pphubbing* e satisfação com o relacionamento (ROBERT; DAVID, 2014).

Em seus estudos Robert; David (2014) relatam que setenta por cento de uma amostra de 143 mulheres, envolvidas em relacionamentos românticos, informaram que os telefones celulares "às vezes", "frequentemente", "muito frequentemente" ou "o tempo todo" interferiu em suas interações com seus parceiros. Isso demonstra um impacto negativo na relação afetiva entre casais.

Com isso, torna-se visível que o *Partner Pubbing* é um tema da atualidade e pode ser usado para examinar o impacto na satisfação da vida romântica de um casal. As distrações causadas por *Pphubbing* poderia minar a satisfação com o relacionamento. Os parceiros podem estar fisicamente em conjunto, mas não totalmente presente para o outro (ROBERT; DAVID, 2014).

O Brasil carece de estudos sobre esse tema, mas há um aumento excessivo do uso do *smartphone*. Com isso, procura-se fazer a relação do ato de ignorar o parceiro pela escolha do telefone, e o que isso pode afetar no relacionamento conjugal.

A dependência de *smartphone*, seja para internet, jogos, entre outros, pode implicar no *Pphubbing*, e isso faz com que as pessoas fiquem em uma espécie de transe na frente de seus telefones, totalmente conectados no mundo virtual, ignorando o que se passa em seu entorno, nesse caso o parceiro romântico (NABUCO, 2013).

Para Chotpitayasunondh; Douglas (2016) pouco se sabe sobre o que causa o comportamento *phubbing* e como ele se tornou uma característica aceitável de comunicação. Um "*phubber*" pode ser definido como uma pessoa que começa a esnobar alguém em uma situação social, prestando atenção no aparelho ao invés da pessoa, e um "*phubbee*" pode ser definido como uma pessoa que é ignorada pelo seu companheiro em uma situação social porque o mesmo usa ou verifica o *smartphone*. Embora os investigadores começaram a considerar algumas das consequências problemáticas de usar *smartphones* como *phubbing*, como consequências negativas para a satisfação com o relacionamento e bem-estar pessoal, pouco se sabe sobre o que provoca *phubbing*, e como isso se tornou uma característica generalizada de comunicação moderna (CHOTPITAYASUNONDH; DOUGLAS, 2016).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo busca oferecer uma visão sobre o processo pelo qual a utilização do *smartphone* pode influenciar a satisfação do relacionamento romântico e bem-estar pessoal de seus usuários. Para tal foi escolhido a técnica bola de neve para a realização das entrevistas e observações diretas. Segundo Baldin; Munhoz (2011) essa técnica é uma forma de amostra não probabilística realizada em pesquisas sociais, em que os primeiros participantes do estudo indicam outros, que conseqüentemente, indicarão outros e assim sucessivamente, até o objetivo ser alcançado a ponto de saturação.

O objetivo geral do trabalho será analisar quais os efeitos do *Partner Phubbing* no relacionamento romântico. Por ser um tipo de pesquisa imprevisível, que busca explicar os efeitos do ocorrido, exprimindo o que convém a ser feito, recorre-se a pesquisa qualitativa



(GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para a coleta dos dados utilizar-se-á a entrevista que para Martins (2008, p. 27) é “uma técnica para entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações”. Nas entrevistas que serão realizadas, o pesquisador utilizar-se-á da técnica de observação direta, que consiste na observação espontânea do entrevistador aos fatos que ocorrem (GIL, 2012). Durante as inserções em campo, as falas dos entrevistados serão gravadas e posteriormente transcritas. Todas as observações serão anotadas ainda em campo em um diário de campo” (MALINOWSKI, 1978, p. 18 apud CORSO; CAVEDON; FREITAS, 2015, p. 6). A delimitação do número de entrevistas será construído de acordo com a análise e interpretação dos resultados das mesmas, estes que serão contrastados com os resultados das observações diretas, e após isso será possível realizar a triangulação dos dados de forma interpretativa.

Para poder realizar a coleta de dados por meio de entrevistas, o entrevistador construirá um roteiro estruturado em três blocos: (1) perfil do cônjuge, (2) dependência de *smartphone*, e (3) *partner phubbing*. O primeiro bloco buscou identificar o perfil dos casais quanto às práticas do uso do *smartphone* na presença do companheiro. No segundo bloco, para investigar a dependência de *smartphone*, adaptou-se de forma qualitativa as questões da Escala de Vício no *Smartphone* (SAS – *Smartphone Addiction Scale* de Kwon et al (2013), esse questionário é composto por 33 questões com pontuação individual de 1 a 6, onde 1 equivale a “discordo totalmente” e 6 equivale a “concordo totalmente”. Por fim; procurando verificar os efeitos do *partner phubbing* no relacionamento afetivo, adaptou-se a Escala de *Partner Phubbing* de Roberts; David (2016) o que veio a propiciar a construção de perguntas para o roteiro da entrevista.

4 RESULTADOS ESPERADOS

Estima-se que o estudo busque oferecer uma visão sobre o processo pelo qual o uso exacerbado do *smartphone* próximo ao companheiro (a) possa influenciar o relacionamento romântico entre casais. Para isso, o pesquisador precisa identificar o perfil dos casais quanto às práticas do uso do *smartphone* na presença do companheiro (a); investigar se ocorre a dependência em relação ao aparelho, e; analisar quais os efeitos causados pelo ato de *partner phubbing* no relacionamento afetivo.

Presume-se que uma das maiores implicações que o estudo possa trazer é mostrar que a tecnologia usada de maneira exagerada pode não ser tão boa para o desenvolvimento de relações afetivas entre casais, principalmente, quando companheiros (as) encontram-se juntos, ou seja, no mesmo ambiente. O resultado esperado vem do contexto de toda a explanação desenvolvida ao longo do projeto, de acordo com estudos que foram mencionados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto tem como objetivo geral analisar quais os efeitos do *Partner Phubbing* no relacionamento romântico. Para o desenvolvimento do mesmo, utilizar-se-á a pesquisa qualitativa, sendo que através da técnica bola de neve será possível definir a amostra, não probabilística. Através das técnicas de coleta de dados, entrevistas e observações diretas, realizar-se-á a análise dos dados de forma interpretativa.

A pesquisa pode vir a contribuir para o meio acadêmico, pois, fala-se em questões voltadas a comunicação, interação e de relacionamentos de indivíduos. Além disso, tem como um dos propósitos tentar demonstrar até que ponto as novas tecnologias podem interferir em nosso comportamento, seja individual, conjugal ou coletivo. Outras questões também poderão



ser investigadas com os possíveis resultados que o estudo pode trazer, principalmente, no enfoque do mundo contemporâneo, ou seja, os *smartphones* é uma das tecnologias que veio para ficar, conforme demonstra pesquisas que relatam que cada vez mais cresce o número de vendas desses dispositivos.

REFERÊNCIAS

A. Herrington. **Using a Smartphone to create digital teaching episodes as resources in adult education.** University of Wollongong. Research Online. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/edupapers/78/>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

ABREU, C. N. et al. Dependência de internet e jogos eletrônicos: Uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. 2, p. 156-167, 2008.

ADNEWS (2014). **Pesquisa revela dados sobre o uso de smartphones.** Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/tecnologia/pesquisarevela-dados-sobre-o-uso-de-smartphones>>. 2014. Acesso em: 07 jul. 2016.

AZEVEDO, J. C; NASCIMENTO, G. do; SOUZA, C. H. M. de. **Ciberdependência: O papel das emoções na dependência de tecnologias digitais.** **Revista Texto Livre**, V. 7, n. 2, 2014.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. Bagatin. **Snowball (bola de neve):** uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação - Educere. Curitiba, 2011.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BORGES. A. P. JOIA. L. A. **Executivos e Smartphones: uma relação ambígua e paradoxal.** Revista O&S- Salvador, v.20 - n.67, p. 585-602 - Novembro/Dezembro – 2013.

BORGES, L.; PIGNATARO, T. Nomofobia: uma síndrome do século XXI. 2016. Disponível em: <<https://seminario.ccsa.ufrn.br/assets/download/programacaofinal.pdf>>. Acesso: 15 out. 2016.

BOULOS et al. **How smartphones are changing the face of mobile and participatory healthcare: an overview, with example from e CAALYX.** Licensee BioMed Central Ltd.2011. Disponível em: <<https://biomedical-engineering-online.biomedcentral.com/articles/10.1186/1475-925X-10-24>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

BRAZIER, Y. **Distração Smartphone pode arruinar um relacionamento.** Medical News Today, 2015. Disponível em: <<http://www.medicalnewstoday.com/articles/300435.php>>. Acesso 17 jun. 2016.

BUSSEL, R.K. **Meu iPhone está arruinando minha vida: Eu sou culpado de "phubbing" meu parceiro, e eu não posso desconectar.** Dados extraídos do site: <http://www.salon.com/2015/10/05/my_iphone_is_ruining_my_life_im_guilty_of_phubbing_my_partner_and_i_cant_unplug/>. Acesso em: 18 set. 2016.



CAMPANELLA, M. et al. **Prevalence of internet addiction: a pilot study in a group of Italian High-School Students.** *Clinical Neuropsychiatry* (2015)12, 4, 90-93.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede: do conhecimento a política.** Disponível em: <<http://www.cidadeimaginaria.org/cc/ManuelCastells.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

CHOI, S-W. et al. **Comparasion of risk and protective factors associated with smartphone addiction and internet addiction.** *Journal of Behavioral Addictions* 4(4), pp. 308–314 (2015).

CORSO, K. B; CAVEDON, N. R; FREITAS, H. **Mobilidade Espacial, Temporal e Contextual: um estudo de inspiração etnográfica sobre o trabalho móvel em Shopping Center.** *Revista Administração-UFSM, Santa Maria, v. 8, nº 1, p. 141-156, mar. 2015.*

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DE ARAGÃO, S. R.. **Namofobia: o vício pelo celular.** 2015. Disponível em: <<http://www.psiconline.com/2015/07/nomofobia-o-vicio-pelo-celular.html>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

CHOTPITAYASUNONDH, V.; DOUGLAS, K.M. **How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone.** *Computers in Human Behavior* 63 (2016) 9 e 18.

DIAGN. J. D. **How Patients Recovering From Alcoholism Use a Smartphone Intervention.** The online platform for Taylor & Francis Group content. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15504263.2012.723312>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Número de smartphones em uso no Brasil chega a 168 milhões, diz estudo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1761310-numero-de-smartphones-em-uso-no-brasil-chega-a-168-milhoes-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

FORTIM, I.; DE ARAÚJO, C. A. **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet.** *Bol. - Acad. Paul. Psicol. vol.33 nº.85. São Paulo: dez. 2013.* Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200007>. Acesso em: 09 jul. 2016.

GAZETA DO POVO. **Número de “viciados em Smartphones” aumenta 123% e chega a 176 milhões de pessoas no mundo.** 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/numero-de-viciados-em-smartphones-aumenta-123-e-chega-a-176-milhoes-de-pessoas-no-mundo-earau6z91zzqycbbequiui3ri>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



GIARDELLI, G. **Você é o que você compartilha**. São Paulo: Editora Gente, 2012.

HAUG, S. et al. **Smartphone use and smartphone addiction among young people in Switzerland**. *Journal of Behavioral Addictions* 4(4), pp. 299–307 (2015).

IBOPE. **33% dos donos de Smartphones em São Paulo usam o aparelho assim que acordam**. 2013. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/33-dos-donos-de-smartphones-em-sao-paulo-usam-o-aparelho-assim-que-acordam/>> Acesso em: 28 jun. 2016.

IDC ANALYZE THE FUTURE. **O mercado brasileiro de celulares voltou a crescer: IDC**. 2016. Disponível em: <<http://http://br.idclatin.com/releases/news.aspx?id=2083>> Acesso em: 15 out. 2016.

IMBELLONI, M.; SCHMITT, S. **Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea**. Psicologia, PT. O Portal do Psicólogos. Documento produzido em 2011. Dados extraídos: <www.psicologia.pt>. Acesso em: 29 jun. 2016.

JOHNSON, L. **Advantages of Using Smartphones in Your Business**. *Business 2 Community*. Disponível em: <<http://www.business2community.com/tech-gadgets/advantages-of-using-smartphones-in-your-business-0375741#dP9iKD1tfkQujx6B.97>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

KIM, M. et al. **Smartphone Addiction: (Focused Depression, Aggression and Impulsion) among College Students**. *Indian Journal of Science and Technology*, Vol 8(25), IPL0428, October 2015

KWON M. et al. **Development and Validation of a Smartphone Addiction Scale (SAS)**. *Plos One*, V. 8, n. 2, 2013.

KWON M. et al. The Smartphone Addiction Scale: Development and Validation of a Short Version for Adolescents. *Plos One*, V. 8, n. 12, 2013.

LEE, W-J. **An Exploratory Study on Addictive Use of Smartphone : Developing SAUS (Smartphone Addictive Use Scale)**. *Journal of Convergence Information Technology(JCIT)*, Vol. 8, nº 12, July 2013.

LIN, Y. H. et al. Development and Validation of the Smartphone Addiction Inventory (SPAI). *Plos One*, V. 9, n.6, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOK, J. Y. et al. Latent class analysis on internet and smartphone addiction in college students. *Dovepress*, V. 10, p. 817-828, 2014.

NABUCO, C. **Phubbing: a tecnologia acabando com o diálogo**. Dados extraídos: <<http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2013/08/21/phubbing-a-tecnologia-acabando-com-o-dialogo/>>. Acesso em: 3 out. 2016.



PICON, F. A. et al. **Precisamos falar sobre tecnologia:** Caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, V. 17, n. 2, p. 44-60, 2015.

PICON, F. A. **Dependências de Smartphones:** implicações clínicas. 29 fev 2016. Disponível em:
<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/9799_DEPENDENCIA+DE+SMARTPHONES>. Acesso em: 09 jul. 2016.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Ed. Universidade Feevale, 2013.

ROBERTS. J.; DAVID. M.. **My life has become a major distraction from my cell phone:** Partner plubbing and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior* 54 (2016) 134e141. Disponível em: journal homepage <www.elsevier.com/locate/comphumbeh>. Acesso em: 28 jun. 2016.

SHARUPOVÁ, K.; ÓLAFSSON, K.; BLINKA, L. **The effect of smartphone use on trends in European adolescents' excessive Internet use.** *Behaviour & Information Technology*, 2016. Vol. 35, nº 1, 68–74.

TAVARES. F. **O Entretenimento e a Multissensorialidade como Moduladores do Amor Contemporâneo.** VIII Simpósio Nacional da ABCiber - Comunicação e Cultura na Era de Tecnologias Midiáticas Onipresentes e Oniscientes. ESPM - SP – 3 a 5 de dezembro de 2014.

VIACAVA, J. J. et al. **Preciso mexer no celular:** a influência do autocontrole e da depleção do ego no uso de *smartphones*. *Revista Brasileira de Marketing – ReMark*. V. 15, n. 1. Janeiro/Março. 2016.

Relacionamentos românticos estão sob ataque do “phubbing” dizem pesquisadores. Dados disponível em: <www.tudocelular.com>, 4 set 2015. Acesso em: 18 set. 2016.

WON-JUN, L. An Exploratory Study on Addictive Use of Smartphone: Developing SAUS (Smartphone Addictive Use Scale). **Journal of Convergence Information Technology**, V. 8, n. 12, 2013.